

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FRANCISCA SIMONE BRAGA

HOMOAFETIVIDADE E FAMÍLIA: o que pessoas homoafetivas têm a dizer sobre isso?

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2018

FRANCISCA SIMONE BRAGA

HOMOAFETIVIDADE E FAMÍLIA: o que pessoas homoafetivas têm a dizer sobre isso?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito total para à obtenção do título de graduada no curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

HOMOAFETIVIDADE E FAMÍLIA: o que pessoas homoafetivas têm a dizer sobre isso?

Francisca Simone Braga¹
Joel Lima Junior²

RESUMO

O termo família é conceituado por diversos autores, para alguns ela aparece como uma instituição organizada socialmente, para outros como indivíduos implicados a permanecerem juntos compartilhando laços afetivos. Mas, independentemente dos inúmeros conceitos, existe algo que é inerente ao termo família, o amor entre seus membros e a necessidade do ser humano em se sentir pertencente ao seu meio familiar. Dessa forma, se observado o contexto da homoafetividade, que aparece como algo nocivo diante da sociedade, vê-se uma dificuldade diante da aceitação no seio familiar. Com isso o presente trabalho teve como objetivo, verificar a percepção das pessoas homoafetivas acerca de como seus pais ou responsáveis lidaram com a homoafetividade nas relações familiares. A partir de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo com pessoas homoafetivas no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, que diante dos resultados gerou discursões que foram divididas em quatro categorias: momento da descoberta; dificuldades e mudanças na relação familiar; estratégias utilizadas para manter os vínculos afetivos no núcleo familiar; construções ideológicas que influenciam na aceitação de um membro homoafetivo no âmbito familiar. Frente aos dados e discussões nota-se que as dificuldades na relação familiar, se apresentam ligadas as normas impostas pela sociedade, assim a maioria dos participantes relataram compreender as reações diante de algo novo na realidade dos familiares.

Palavras-chave: Homoafetividade. Família. Sociedade.

ABSTRACT

The term family is conceptualized by authors, for some it appears as a socially organized institution, for others as individuals involved to keep together sharing affective bonds. But, independently the many concepts, there is something inherent in the term family, the love between its members and the nature of the human being in relation to their family environment. Thus, if one observes the context of homoafetivity, which appears as harmful to society, one sees a difficulty in the face of acceptance within the family. With this work one can verify if the homoafetive people about their parents or those in charge deal with a homoafetividade in the familiar relations. From a qualitative field research with homoafetive people in the University Center Doutor Leão Sampaio, who presented in the discourses that were divided into four categories: moment of discovery; difficulties and changes in the family relationship; strategies used to maintain affective bonds in the family nucleus; ideological constructions that influence the acceptance of a homoafetive member within the family. Faced with the data and discussions, it is noted that the difficulties in the family relationship are related to the norms imposed by the society, so most of the participants reported to understand the reactions to something new in the reality of the relatives.

Keywords: Homoafetive. Family. Society.

¹Graduanda do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará. Contato: simonebraga25@hotmail.com

² Docente do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contato joellima@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Pode-se conceituar família como uma instituição organizada socialmente, onde a partir da cultura da época, dos costumes e configurações políticas, o ser humano cria vínculos desde o seu nascimento. Sendo vista como a união conjugal com propósitos comuns, como também um grupo de pessoas que se unem por parentesco. A configuração familiar vem se modificando bastante, visando a subjetividade e priorizando a afetividade (BARRETO; RABELO, 2015).

Partindo do conceito de família, o presente trabalho aborda uma discussão sobre homoafetividade e as relações familiares. Considerando a grande relevância nos estudos sobre a homoafetividade, visto que é um tema complexo e inerente ao preconceito social, em que o indivíduo homoafetivo é colocado numa posição marginalizada e discriminada. Tendo que buscar seu espaço no meio social e a aceitação dentro de sua família.

Soliva e Silva Junior (2014), sugerem que a dificuldade de lidar com a homoafetividade dos filhos pode estar ligada muitas vezes a incapacidade dos pais de falarem sobre sexualidade, ou seja, o medo de falar sobre temas mais íntimos, como é o caso da orientação sexual, somando isso ao rompimento dos planos que tinham para a vida de seus filhos em sociedade, havendo assim, uma ruptura brusca nos sonhos que os pais alimentam desde o nascimento do filho. É gerado nesse momento uma crise no andamento das relações domésticas.

Diante do estigma que rodeia a pessoa homoafetiva, buscou-se apresentar um breve histórico sobre a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo em diferentes épocas e contextos, ressaltando a substituição do termo homossexualidade pelo termo homoafetividade, colocando em pauta o afeto dentro da relação, não sendo mais esta, vista apenas pelo ângulo da sexualidade.

Elencando ainda um breve histórico sobre as construções familiares em diversas épocas, com ênfase nas multiplicidades de estruturas familiares e na passagem do distanciamento entre figuras paternas e maternas em relação aos filhos, para configurações familiares que colocam os filhos no centro da relação e da dedicação, além de contar com uma discussão a respeito da homoafetividade dentro do âmbito familiar.

Posteriormente, expõe uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, guiada por um roteiro de entrevista semiestruturada com pessoas homoafetivas que responderam questionamentos acerca das relações familiares, questionamentos esses acerca do momento da descoberta, das dificuldades e mudanças nas relações familiares e estratégias utilizadas para

mantendo os vínculos afetivos, sendo o objetivo geral deste artigo verificar a percepção das pessoas homoafetivas acerca de como seus pais ou responsáveis lidaram com a homoafetividade nas relações familiares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE

As relações homossexuais são descritas como existentes tanto tempo quanto possui a humanidade, ou seja, são conhecidas muitas épocas e sociedades que reconheciam a relação entre pessoas do mesmo sexo, e ao contrário do que é sabido pela sociedade atual, a homossexualidade nem sempre foi vista como algo negativo (BILESKI, 2018).

Em Atenas, na Grécia antiga, a relação sexual e afetiva entre duas pessoas do mesmo sexo era aceita socialmente, era algo comum, que se dava entre um homem mais velho, que chamavam de *erastes* (amante) e um homem mais novo, que tivesse idade maior que 12 anos e menor que 18 anos, chamado de *eromenos* (amado). A finalidade dessa relação não era apenas sexual, mas a transmissão de conhecimento do homem mais velho para o mais novo. Não sendo aceita a relação entre dois homens de mesma idade, pois um havia de ser passivo, e nessa posição traía a masculinidade que era exigida de um cidadão ativo na sociedade (CORINO, 2008).

Em um outro contexto, a prática surge como um ritual entre homens onde um dos homens sempre travestido de mulher, representava um espírito contente, e em busca de conhecimentos sagrados, realizavam atos sexuais. Esses achados foram registrados em ilhas no oceano pacífico, em uma região onde atualmente se localizam Fiji, Salomão e Nova Guiné, sendo esses registros de cerca de 10 mil anos atrás (BILESKI, 2018).

Ainda segundo Bileski (2018), a visão sobre o ato sexual muda no século IV, quando o imperador Constantino se converte a fé cristã e impõe sua religião em Roma. A partir disso, o sexo teria apenas um objetivo, a reprodução. Diante disso, a relação sexual entre duas pessoas do mesmo sexo, passou a ser considerada pecado, havendo registro do primeiro castigo corporal a pessoas que praticaram o ato, durante o reinado de Teodósio. No século VII, a ideia continuava com o nascimento e a expansão do Islamismo, que combatia duramente esse tipo de relação. Essa visão se estendeu por muito tempo, inclusive nos dias atuais.

Antes do termo homossexualidade, a relação sexual entre duas pessoas do mesmo sexo era chamada de “sodomia”, essa prática ganhou linhas mestras no Levítico (antigo

testamento), que proibiram o ato. E no Novo Testamento, o apóstolo Paulo, reafirma a ideia de pecado na prática da sodomia. Muito embora, até o século VII, a igreja se mostrava negligente e contraditória em relação a isso, segundo argumentos do historiador John Boswell. Nos séculos posteriores, a sodomia passou a ser punida através de morte em fogueiras públicas (GREEN, 2003).

O termo sodomia surge então a partir dos escritos bíblicos, que considerava pecado a prática sexual através do coito anal entre dois homens, como também de um homem com a mulher, dentre outras práticas consideradas pecaminosas, que eram exercidas na cidade de Sodoma, na história bíblica. Interessante ressaltar que a prática sexual entre mulheres, não era descrita como pecado, pois como a mulher não tinha aparatos para realizar a penetração, logo não havia pecado. Ficando a critério da família, castigar ou não a mulher que fosse pega praticando o ato, pois ao entendimento dessa época as mulheres eram incapazes de produzir prazer sexual ou afetivo sem o homem (LOMANDO; WAGNER, 2009).

Muitas tribos indígenas nativas do Brasil, na época da colonização realizavam práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e as consideravam normais e até algo virtuoso, assim como também a bissexualidade, até a chegada dos primeiros missionários no século XVI, que trouxeram consigo a ideia do pecado, que seria segundo seus escritos o pecado mais abominado por Deus. Assim a Igreja Católica dominante nessa época considerava a prática sexual entre dois iguais um pecado imperdoável, fazendo com que houvesse a sua proibição (SILVA; BARBOSA, 2015).

No final do século XIX surge o termo homossexualismo, englobando homens e mulheres que se relacionam sexualmente e afetivamente com pessoas do mesmo sexo, caracterizando como algo da ordem médica-psiquiátrica, pois era considerado de orientação patológica (LOMANDO; WAGNER, 2009). Assim, no século XX, a relação sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo já não era somente uma questão moral, política ou religiosa, ela passou a ser algo visto como doença e a ser estudada por médicos psiquiatras, que junto a eugenistas, juristas e físicos iniciaram campanhas para a medicalização, para assim tratar a chamada doença social ou pessoal. Isso gerou uma ambiguidade na vida dessas pessoas, que passaram a se tornarem invisíveis, escondendo suas intimidades do meio social, vivendo muitas vezes vidas duplas (GREEN, 2003).

Esse cenário foi se modificando, a medida em que foram criando movimentos a favor da liberdade da orientação sexual, no Brasil a política contribuiu no ano de 1970, quando um determinado partido político, inseriu nas reivindicações democráticas os direitos homossexuais. Com isso, dirigiram batalhas parlamentares em busca de estender a essa

minoria benefícios de serviço social e proteção legal para a parceria na vida doméstica, ocorrendo nas décadas seguintes, grandes números de movimentos políticos a favor da homossexualidade e dos transgêneros em todos os países da América Latina (GREEN, 2003).

No Brasil, um dos primeiros movimentos a favor das relações homossexuais, foi iniciada pelo grupo denominado de “Somos SP” a partir do Movimento Homossexual Brasileiro na década de 1970, que antecedeu o movimento LGBT. Esse movimento lutava pela retirada da homossexualidade como categoria de doença e a inclusão do respeito a opção sexual na Constituição Federal. E após os movimentos realizados por esses grupos, em 1980 foram realizados o “I Encontro Brasileiros de Homossexuais” (EBHO) e o “I Encontro de Grupos de Homossexuais Organizados” (EGHO), que contaram com a presença de organizações homossexuais de todo país e com a cobertura do jornal Lampião da Esquina, e como resultado da grande repercussão desses encontros a ação de todos os grupos referente a retirada do parágrafo 320 do CID da Organização Mundial de Saúde (OMS) (CARNEIRO, 2015).

O movimento LGBT vem ganhando espaço, embora os grupos sociais sejam na sua maioria de estrutura heteronormativa, a diversidade sexual está em constante luta para o reconhecimento, buscando ocupar espaços cada vez maiores e visíveis, visando desconstruir o conceito de heteronormatividade como único modo de viver a sexualidade, promovendo assim a diversidade sexual como condição humana e o respeito diante da orientação sexual, buscando também direitos e o combate a homofobia (PINHO; PULCINO, 2016).

Com o intuito de aproximar o homossexual das relações familiares, sociais e morais criou-se a categoria homoafetivo, visando reconstruir no imaginário social a visão deturbada que se tem acerca da homossexualidade e a obtenção da garantia de direitos da pessoa homoafetiva, como direito a conjugalidade e a parentalidade. Assim objetivou-se criar uma categoria que desse ênfase no afeto e não somente no quesito sexual, modificando as representações sociais advindas dos termos homossexualidade e homossexualismo. Mesmo com uma nova compreensão de família, ser afetivo está dentro do caráter normativo, a pessoa homoafetiva possui a mesma estrutura da heteronormatividade, ou seja, possui a mesma estrutura para ser reconhecida e valorizada dentro das relações (COITINHO FILHO, 2015).

2.2 A INSTITUIÇÃO FAMILIAR

As famílias da Idade Média asseguravam aos seus membros transmissão de bens, de nome e da vida, mas no que diz respeito a sensibilidade, não eram profundos. Essa sociedade

era caracterizada pela coletividade, não havendo espaço para intimidade. As crianças logo que atingiam as idades de sete e oito anos, eram incluídas nas comunidades junto com os jovens ou ainda com os idosos. Nessa época as relações entre pais e filhos eram frágeis, não havendo um laço afetivo forte entre eles (ARIÉS, 1981).

No século XV essa configuração começa a se modificar, o sentimentalismo ganha espaço nas relações familiares e os pais passam a educar seus filhos e a cuidar mais deles e deixando-os menos para serem cuidados por outros. Havendo um progresso nessas relações que se estenderam pelos séculos XVI e XVII, criando-se laços afetivos e morais, onde os pais voltavam sua atenção para os filhos. E a partir do século XVIII, as famílias que antigamente se caracterizavam pela coletividade, começaram a afastar o convívio familiar do meio social, priorizando a vida privada e o cuidado com os membros (CÚNICO; ARPINI, 2013).

Segundo Wirth (2013), a família sempre sofreu influência da religião, de forma a ditar o que seria certo e errado através de regras que deveria ser cumpridas. As mulheres no período colonial, ouviam sermos educativos da Igreja Católica, afim de serem domesticadas, ou seja, instruídas a se dedicarem aos cuidados da casa, do marido e dos filhos, exercendo sozinha esse papel. Homens e mulheres tinham seus papéis bem definidos, onde a mulher seria submissa ao homem e dedicada ao lar e o divórcio era inaceitável.

Cúnico e Arpini (2013), sugerem que a instituição familiar passou por três longas fases: a tradicional, a moderna e a pós-moderna (contemporânea). A primeira se caracterizava por famílias formadas a partir de casamentos arranjados e precoces, sem considerar atração sexual e laços amorosos entre o casal, pois o principal objetivo seria a transmissão de patrimônio. Já na segunda fase, alicerçados por valores burgueses, caracterizado pela união em benefícios dos filhos e principalmente o amor entre o casal. Nessa fase, haviam divisões de papel entre o pai e mãe, onde o pai produzia renda para casa e mãe cuidava dos filhos e atividades domésticas, assim esse modelo de instituição familiar refletia relações hierárquicas, afetivas e sexuais, que deveria ser seguida pela sociedade.

A terceira fase, surge como consequência, da luta das mulheres por direitos, com o movimento feminista, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a possibilidade do divórcio e os métodos anticoncepcionais. Esses fatores junto a outra gama de eventos, fizeram emergir uma nova forma de constituir família, caracterizado por sujeitos em buscar de relações afetivas e sexuais, não aparecendo mais como algo indissolúvel, mas que pode ser rompido quando o companheirismo, o afeto ou os objetivos acabarem. Isso fez com que houvessem mais divórcios e recomposições conjugais, fazendo surgir uma variação de arranjos familiares (CÚNICO; ARPINI, 2013).

A configuração familiar agora não possui apenas aquele arranjo formado socialmente de pai, mãe e filhos. Pois a consanguinidade deixou de ser o fator principal de uma família. Os laços familiares são formados por alianças, por afetos, com diversos padrões de casamentos, nesse sentido pode-se dizer que existe uma pluralidade de famílias (WIRTH, 2013). Não sendo meramente uma soma de indivíduos, mas uma variedade de relações, interligadas por projetos e trajetórias individuais, ou seja, um aglomerado de indivíduos em interação uns com os outros (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014).

Considerada também, como um sistema formado por indivíduos implicados a permanecerem juntos por um longo período de tempo, alicerçados por vínculos emocionais compreendendo três e até quatro gerações, instituindo uma unidade econômica, social e cultural (RODRIGUES; CARMO, 2013).

Apesar da gama de conceitos que envolve o termo família e independentemente dos costumes e crenças, ela se faz presente durante toda a história da humanidade, dentre os entendimentos mais comuns sobre família, se tem a amizade, a troca e enriquecimento entre seus membros, a solidariedade e o respeito mútuo (ALVES; MONIZ, 2015).

As mudanças que ocorreram do contexto familiar foram muitas, porém ainda oscilam entre o modelo patriarcal e moderno, não havendo a existência pura de único modelo no núcleo familiar, pois apesar das mudanças ocorrerem rapidamente, as tradições continuam controlando as relações entre os membros da família. No que diz respeito a sexualidade, historicamente os pais são guardiões, podendo julgar e questionar a vivência erótica dos filhos (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

E mesmo com todas as mudanças ocorridas historicamente na configuração do âmbito familiar devido as modificações do contexto social, ela permanece sendo relevante para o desenvolvimento psicológico, emocional e social do sujeito em qualquer modelo de configuração familiar (ALVES; MONIZ, 2015). Pois, é no âmbito familiar que as pessoas encontram sustento, dentro de um ambiente de amor e acolhimento é que se constrói a identidade, devido a isso, surge a grande necessidade de aceitação dentro desse âmbito, para dessa forma existir o sentimento de autenticidade, ou seja, para que o sujeito se sinta existente (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

2.3 FAMÍLIA E HOMOAFETIVIDADE

A homoafetividade em alguns contextos é vista como uma realidade que se diferencia do termo família, visto que a constituição familiar é formada por pais heterossexuais, e logo

espera-se que os filhos tenham essa mesma orientação sexual. Dentro desse viés, um filho homoafetivo seria um erro, não sendo aceito no seio familiar, gerando a partir disso um ciclo de sofrimento, tanto para os pais como para o filho (SÁNCHEZ, 2009).

Assim, os pais acabam impondo regras diante do comportamento dos filhos, de forma não consciente, para que seus filhos e filhas se tornem heterossexuais, cumprindo premissas que visam corresponder as performances de cada gênero, de acordo com seu sexo biológico (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

Eles esperam a chegada de um filho com muitos planos, se for uma menina terá muitas bonecas, um quarto rosa, tudo será rosa, se for um menino vai adorar bola e carrinhos e sua cor preferida será azul. Tendo isso como algo tão certo, quanto o dia em que a filha terá um marido ou o filho terá uma esposa, construindo assim suas famílias. Tornando-se um processo difícil a aceitação da homoafetividade de um filho, visto que a partir do momento que se sabe o sexo do bebê já se começam os planos em relação a sua chegada, não sendo a orientação sexual se quer cogitada, pois já estão certos do que os filhos serão (HAUER; GUIMARÃES, 2015).

Porém, ainda segundo Hauer e Guimarães (2015), a orientação sexual é algo que escapa do domínio dos pais. Mesmo havendo regras, planos traçados, estratégias e técnicas utilizadas pelos pais na criação dos filhos, haverá aqueles que se desviaram das regras, que desfazem os arranjos, tão bem traçados pelos pais desde o nascimento do filho. Por isso, é praticamente inevitável o choque dos pais ao se depararem com a homoafetividade do(a) filho(a).

As pessoas que se desviam das normas sociais acabam rejeitados, e as famílias alicerçadas por definições culturais de feminino e masculino, rejeitam comportamentos que fogem a essa norma, alimentando dessa forma, o preconceito social em relação sexualidade (ALVES; MONIZ, 2015). Junto a isso, surge o medo do desconhecido, do julgamento social e divino, buscando a quem culpar, se agarrando muitas vezes na ideia de que é uma fase, e logo vai passar (HAUER; GUIMARÃES, 2015).

Assim, descobrir a homoafetividade de um filho reflete nos planos criados para o indivíduo desde o dia do seu nascimento, planos como casamento, netos, a construção de uma família, todos esses planos ameaçados, buscando assim, apenas uma maneira de resgatar tais planos e ressignificar a representação daquele filho em suas vidas (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014). Passando por um processo de aceitação, onde se percebem como pais de um(a) filho(a) homoafetivo, exigindo a reelaboração de uma identidade modificada (RODRIGUES; CARMO, 2013).

Sobre a aceitação da homoafetividade de um sujeito no seio familiar, Toledo e Teixeira Filho (2013), sugerem que poderá depender de como essa família está ajustada e como ela se estrutura. Na sociedade contemporânea o sustento está no afeto, o vínculo ideal se encontra pautado no amor e mesmo com todas as suas modificações, a família continua sendo a base do sujeito na atualidade. Diante disso, os pais ao ser revelado a eles a homoafetividade de um filho, podem apresentar diversos sentimentos: o sentimento de culpa, por acharem que erraram na criação do(a) filho(a), ou que estão sendo castigados, podendo também atribuir a culpa a uma terceira pessoa; sentimento de decepção diante da expectativa criando em relação a família que o filho iria construir como heterossexual.

Entretanto, é correto pontuar que existem pais e mães que buscam informações, afim de compreender o que se passa com seu(a) filho(a), e mesmo diante do medo e do preconceito e do estranhamento, busca os apoiar e expressam sua afetividade, muitas vezes, fazendo uso da seguinte frase “eu amo meu filho acima de tudo” (MOLINA, 2013).

Pode-se dizer que a maior dificuldade não é ser homoafetivo, mas buscar a aceitação no âmbito familiar e social. A família quando reage mal a situação pode causar danos para o sujeito, e quando reage bem, proporciona suporte e proteção para o homoafetivo encarar seus obstáculos (SÁNCHEZ, 2009).

Ainda segundo Sánchez (2009), dentre as consequências da rejeição dos pais encontra-se o sofrimento do homoafetivo: em ter que esconder da família sua orientação sexual, saindo ou fugindo de casa para ter liberdade; sendo obrigado a escolher em algumas ocasiões estar com o parceiro(a) ou com a família, porque em algumas situações a família não rejeita o filho, porém não aceita a presença de seu companheiro; se privar de relacionamentos amorosos por medo da reação da família.

3 MÉTODO

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de campo de cunho qualitativo que se caracteriza pela capacidade de inserir questões de intencionalidade e significado como pertencentes as relações e a estruturas sociais, ou seja, uma pesquisa capaz de captar opiniões e pensamentos sobre diversos aspectos das relações do ser humano com o meio em que vive e na dinâmica da relação entre pessoas (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma sala fechada de forma individual, disponibilizada na clínica escola pelo Serviço de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, localizado na cidade de Juazeiro do Norte no estado do Ceará.

3.2 SUJEITOS

A amostra da pesquisa é composta por 06 (seis) estudantes do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, três do sexo feminino e três do sexo masculino com idades de 20 (vinte) a 24 (vinte e quatro) anos, o número de entrevistados se deu a partir do ponto de saturação, que segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), é aplicada em investigações qualitativas, que objetivam colher novos componentes sobre dado fenômeno e a amostragem é encerrada quando se percebe que o conteúdo já apresenta material suficiente para a pesquisa em questão. Assim foi coletado um conteúdo razoável que atendeu aos objetivos dessa pesquisa. Os participantes se apresentaram com o estado civil de solteiro(a), todos estudantes e dependentes financeiramente dos pais/responsáveis. Dos seis participantes apenas dois se consideravam pertencentes a uma instituição religiosa, considerando-se católicos e os demais relataram não estarem participando de nenhuma instituição religiosa.

3.3 PROCEDIMENTOS

3.3.1 Coleta de dados

Foi realizada a divulgação da pesquisa para os alunos do Curso de Psicologia, explicando os objetivos da pesquisa e como seriam os procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Sendo disponibilizados e-mail e o número telefônico do pesquisador, para que os interessados pudessem entrar em contato, ressaltando que eles deveriam assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisa foi guiada por um roteiro de entrevista semiestruturada com os seguintes pontos norteadores: o momento da descoberta; possíveis dificuldades e mudanças na relação familiar; estratégias utilizadas para manter vínculos afetivos; compreensão acerca das dificuldades apresentadas pelos familiares.

3.3.2 Análise dos dados

Após coleta, os dados foram transcritos na íntegra e analisados através da proposta de Análise de Conteúdo que segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014), consiste em qualificar as experiências e percepções do sujeito direcionado a determinados fenômenos e objetos. Essa análise acontece nas seguintes etapas: pré-análise (onde formula-se hipóteses e faz-se leituras superficiais); exploração do material/interpretação (busca-se categorias que organizarão o conteúdo, a partir de palavras ou expressões).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a transcrição das entrevistas e análise dos discursos, foram criadas as seguintes categorias: momento da descoberta; dificuldades e mudanças na relação familiar; estratégias utilizadas para manter os vínculos afetivos no núcleo familiar; construções ideológicas que influenciam na aceitação de um membro homoafetivo no âmbito familiar. Esse delineamento foi produzindo de acordo com os temas que surgiram diante dos relatos dos participantes.

4.1 MOMENTO DA DESCOBERTA

Em relação a descoberta da homoafetividade pelos membros familiares, destacam-se os seguintes discursos:

Foi um choque pra ela (mãe) né, natural. Eu tinha 14 anos na época e aí ela ficou atordoada sem saber o que estava acontecendo (E03- feminino, 24 anos)³.

Ela (mãe) ficava se perguntando aonde que ela tinha errado, o que que ela tinha feito de errado, se foi porque ela me deu muita liberdade, se foi porque ela tinha feito tudo que eu queria, se foi porque ela não tinha é, basicamente me dado limites (E02- masculino, 20 anos).

Eu ouvia, ela (mãe) dizendo assim, que preferia ver um filho morto do que um filho gay, um filho preso do que um filho gay, porque isso era uma vergonha [...] ela não tinha ideia do quanto isso me feria, aí ela pediu perdão pra mim [...] minha mãe acho que de início foi uma tristeza imensa (E04- masculino, 21 anos).

Ela (mãe) até tomou um susto [...] eu sempre namorei com meninos e ela achou estranho, perguntou o que tinha acontecido, se eu tinha me

³ No intuito de preservar a identidade dos participantes da entrevista foi atribuída para cada pessoa uma sigla, a letra E se refere a cada entrevistado(a) seguida do número de acordo com a ordem de realização da entrevista, em seguida são apresentados sexo e idade dos participantes.

decepcionado com alguém e que por isso eu tinha tomado essa decisão (E06- feminino, 22 anos).

Nunca foi dito, tipo mãe sou homossexual, nunca foi esclarecido assim por mim, pelas minhas ações eles foram percebendo (E01- masculino, 22 anos).

É notório nesses discursos a prevalência de reações negativas frente a homoafetividade de um membro da família, sendo colocado sempre em primeiro lugar pelos participantes em seus discursos aqueles que representam a figura materna no contexto familiar. Quanto a isso, Palma e Levandowski (2008), ressaltam que a pessoa homoafetiva sofre por medo da rejeição dos familiares, principalmente da rejeição por parte dos pais no momento de revelarem sua orientação sexual, enfatizando que são raras as famílias que aceitam e convivem bem com o membro homoafetivo, sendo mais comuns a presença do inconformismo e da intolerância.

Em relação a reação dos familiares, os discursos corroboram com as ideias de Santos, Brochado Júnior e Moscheta (2007), que ressaltam uma dificuldade da família em lidar de forma saudável com a situação, apresentando estranhamento diante da descoberta, buscando um culpado, ou culpando a si mesmos, se perguntando em que momento erraram durante a educação da pessoas homoafetiva. Expressando também o sentimento de serem traídos pela pessoa que está seguindo um caminho que eles percebem como errado, e isso acaba por instalar dentro das relações familiares uma crise, onde dificilmente os familiares conseguem olhar para a pessoa homoafetiva sem julgamentos de juízos morais.

Apenas um dos participantes não apontou conflitos com os pais diante da revelação de sua orientação sexual, mesmo assim houve dificuldade na aceitação por parte outro membro da família, que foi apresentada como avó paterna. Os demais participantes apresentaram conflitos dentro do contexto familiar, colocando a figura materna como mais próxima e mais aberta ao acolhimento e a tentativa de entender o que acontece com a pessoa homoafetiva. E a figura paterna colocada como ainda não tendo conhecimento da homoafetividade do filho(a) ou se apresentando um grau de dificuldade maior em relação a aceitação, como pode ser visto nos seguintes relatos:

Ela (mãe) disse que não ia me abandonar, que achava estranho e tudo mais, só que não ia deixar de me dar as coisas por causa disso (E06- feminino, 22 anos).

Ele (pai) não sabe da minha boca que eu sou gay (E04- masculino, 21 anos).

Meu pai tipo assim, ele nunca pensou que iria ter dentro de casa essa situação, então ele julgava bastante, principalmente eu já cheguei a escutar

ele dizer que preferia um filho ladrão, que um filho homossexual, que não ia aceitar e tipo eu escutando isso, e tipo eu percebia que ela falava isso porque ele sentia que existia isso na família e é isso me dava medo (E01- masculino, 22 anos).

A figura paterna é vista como um indivíduo com uma dificuldade maior de romper barreiras erguidas ao longo da vida, sendo difícil a situação em que se deve modificar dilemas internos, em consequência essa figura paterna muitas vezes não consegue lidar com a situação desconhecida que surgiu. Dessa forma, o(a) filho(a) acaba emitindo uma dificuldade ainda maior de revelar sua orientação sexual para o membro da família que representa essa figura paterna (SILVA; SOUSA, 2016).

O seguinte trecho é o relato que surgiu em uma das entrevistas, sobre a aceitação sem nenhuma dificuldade por parte dos pais:

Minha mãe, meu pai que eu considero, eles são bem tranquilos, mente aberta e conversam comigo e com meus irmãos sobre tudo, e quando minha mãe ficou sabendo ela foi conversar comigo sem brigar, conversou normal, tranquilo [...] a nossa avó, ela chorou e ficou mal (E05- feminino, 22 anos).

Sobre isso, Palma e Levandowski (2008), dizem que é uma avanço diante da desconstrução de preconceitos e mitos acerca da homoafetividade, podendo gerar uma maior aceitação e visibilidade da pessoa homoafetiva, porém de maneira lenta, assim como todo processo de mudança, considerando que o número de famílias que apresentam dificuldades são bem maiores do que as que conseguem lidar com naturalidade a situação.

4.2 DIFICULDADES E MUDANÇAS NA RELAÇÃO FAMILIAR

Diante da indagação sobre as dificuldades e mudanças na relação com os familiares após a revelação da homoafetividade, surgiram as seguintes respostas:

É como se ela tivesse um medo de rejeição que eu não tenho, porque eu não tenho medo de rejeição, é como se ela tivesse o medo de sentir que outras pessoas estão olhando diferente pra ela, entendeu? E não pra mim, acho que é mais um medo dela do que meu (E06- feminino, 22 anos).

Com minha irmã não teve nenhuma mudança, mas com minha mãe sim. Por minha mãe ser muito religiosa e tals, no começo foi bem ruim e até hoje a gente pega umas brigas por conta disso, porque ela tem muito negócio de pensar dos outros, o que os outros vão ver, que eu não posso postar foto com a pessoa que eu estou há um ano porque o povo vai ver, e muda nesse

sentido, mas assim, é só em fases, tem fases que ela está super liberal (E04- masculino, 21 anos).

Teve um tio meu que disse que lá eu podia andar e tudo mais, mas que se ela fosse não queria que pisasse lá [...] minha mãe fica chateada, porque ela pensa que tem que ser escondido que na rua a gente não precisa está demonstrando tanto (E06- feminino, 22 anos).

Um fator que surgiu bastante, foi a questão do medo que o familiar apresenta em relação ao sofrimento que o membro homoafetivo pode passar no meio social, junto a isso surge o pedido de que não se fale sobre a orientação sexual para outras pessoas. Sobre isso, Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), apresentam que há uma preocupação da família quanto ao preconceito da sociedade, mas que não é excluído o preconceito dentro do âmbito familiar, pelo contrário esse existe de forma velada, podendo ser notado diante do discurso de manter segredo sobre o membro familiar ser homoafetivo, demonstrando que os afetos devem ser vividos apenas em ambiente privado, não podendo esses serem exposto ao público.

Porém, ainda segundo Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), poderia haver a quebra de preconceitos e paradigmas, se existisse uma visibilidade maior acerca da pessoas homoafetiva, se houvesse mais informações e discussões que alcançassem o público que desconhece a vivencia da homoafetividade, e com isso seria facilitado o processo de aceitação da família, de maneira menos dolorosa tanto para a pessoas homoafetiva quanto para os familiares.

Semelhante aos pensamentos desses autores, surgem nos relatos dos participantes discursos acerca da falta de diálogo e uma grande dificuldade na aceitação da pessoa homoafetiva:

Quando ela ficou sabendo, a gente se distanciou porque ela se distanciou também, ela não deu mais abertura pra mim, ela não quer saber da minha vida, assim, em questão de relacionamento, ela não quer saber, ela evita saber, e as nossas conversas são sobre outras coisas, não é nada sobre a minha vida, porque ela não quer saber e nem eu me abro mais pra isso (E03- feminino, 24 anos).

A gente passou mais ou menos três dias sem se falar e eu compreendia isso porque eu entendia que tipo, pra um pai também é muito complicado viver essa questão de ter um filho homoafetivo (E02- masculino, 20 anos).

Em relação ao diálogo entre pais/responsável, Pacheco (2016), diz que geralmente não existem conversas sobre o tema homoafetividade e que os familiares se prendem aos estereótipos da sociedade que dificultam a relação com o membro homoafetivo, assim como

também retarda o processo de aceitação. A autora ressalta que a família é o alicerce de qualquer indivíduo, e que sempre se espera o apoio desse grupo, porém, diante da revelação da homoafetividade, eles se sentem inibidos a demonstrar afeto, não conseguindo acolher e nem dar o apoio que o membro homoafetivo precisa, visto que a pessoa homoafetiva já sofre com o estigma social e espera que no seio da família aja acolhimento. Corroborando com o que a autora traz sobre a falta de apoio e acolhimento da família, têm-se os seguintes discursos:

Eu não me sinto incluído na família, eu sei que existe minha mãe, meu pai e minha irmã e existe eu, existe dois grupos (E04- masculino, 21 anos).

Meu pai ele não tinha respeito ele ignorava realmente os meus comportamentos, ele não se preocupava comigo, com os meus outros irmãos ele era muito apegado e eu percebia que ele me deixava sempre de lado e minha mãe percebia isso e ela se aproximava mais de mim (E01- masculino 22 anos).

E é uma relação muito assim, não é conturbada, sei lá, é escura, sei lá, diferente! (E04- masculino, 21 anos).

Diante dos relatos acima e do que foi exposto pelos autores acerca das dificuldades e mudanças no contexto familiar, pode-se observar um certo distanciamento dos familiares em relação a pessoa homoafetiva, causado pelo não reconhecimento do comportamento que até então eram desconhecidos pelos familiares e que geram diversos tipos de conflitos internos tanto nos familiares, quanto na pessoa homoafetiva. Mostrando que a dificuldade em lidar com a homoafetividade, pode ter como consequência o rompimento de vínculos afetivos.

4.3 ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA MANTER OS VINCULOS AFETIVOS NO NÚCLEO FAMILIAR

Soliva e Silva Junior (2014), ressaltam que diante da revelação da homoafetividade de um membro familiar, podem haver rupturas dos vínculos, que estão ligadas a vários fatores, como a falta de conhecimento acerca do assunto, o pensamento de que a pessoa homoafetiva não poderá construir uma família, entre outros fatores. E isso acaba por produzir em meio as relações familiares conflitos caracterizados por incertezas, medos e receios.

Em relação a possibilidade da ruptura de vínculos e a importância da família para o bem-estar de qualquer indivíduo, foi indagado aos participantes sobre estratégias utilizadas para manter os laços familiares, e surgiram as seguintes respostas:

Eu gosto de andar com minha unha pintada, colorida né? E quando eu estou perto dela, ou quando eu sei que ela vem, ou quando sei que eu vou (para a casa dos pais), eu tiro o esmalte, pelo menos o esmalte, mas eu deixo minha unha grande. Ai eu não sei se isso pode chegar a ser uma estratégia, mas ao mesmo tempo chega porque não cria conflito (E04- masculino, 21 anos).

Não falar sobre, eu silencio, as vezes eu vejo ela soltando uma piada porque está passando algo na televisão e tals, e eu silencio faço de conta que nem escutei pra não causar outro conflito e a gente está vivendo assim (E03- feminino, 24 anos).

Eu posso está sentada do lado, mas eu não fico demonstrando que eu estou homoafetiva com aquela pessoa, mas só quando eu vejo alguém conhecido (E06- feminino, 22 anos).

As estratégias apresentadas pelos participantes, estão mais ligadas a questão de não demonstrar para o público a quem os familiares têm acesso que é uma pessoa homoafetiva, assim como também não falar sobre sua orientação sexual dentro de casa, ou emitir comportamentos que os familiares possam julgar ser por causa da homoafetividade.

Foi questionado para os participantes se eles puderam observar alguma estratégia que os familiares utilizaram também na tentativa de manter os vínculos familiares, obtendo as seguintes respostas:

Não falar sobre isso, a gente não conversa sobre isso (E06- feminino, 22 anos).

Ela (mãe) se tornou bem mais presente do que ela já era, ela se mostrou bem preocupada com a situação [...] pelo fato de ela perceber que meu pai não estava nem aí para o que estava acontecendo, ele rejeitava mesmo, ela foi bem mais presente (E01- masculino, 22 anos).

A religião, se ela (mãe) não fosse evangélica, se ela não tivesse uma religião na verdade, poderia ser qualquer outra, ela era totalmente descontrolada, ela procura um refúgio na religião (E03- feminino, 24 anos).

Quando ela (mãe) passou a frequentar a igreja evangélica ela se tornou mais presente, bem mais, se preocupa mais comigo (E01- masculino 22 anos).

Nota-se diante dos discursos que há uma presença maior da figura materna, na tentativa de buscar estratégias para lidarem com a situação. O que corrobora com um dado que anteriormente foi ressaltado por Silva e Sousa (2016), de que há uma dificuldade maior da figura paterna em se relacionar e ser mais aberto com o filho(a) diante do conhecimento da homoafetividade.

A religião apareceu também como uma estratégia, de modo que a instituição religiosa se apresenta como um refúgio, um ambiente onde têm-se espaço para procurar aliviar as tensões e desgastes, como fica nítido diante do seguinte relato:

Embora a religião seja totalmente contrária a isso (a homoafetividade), mas é um refúgio pra ela (mãe) entendeu? Ela se sente protegida, ela vai pra igreja duas, três vezes na semana e quando ela volta, ela volta mais leve, parece que as coisas mudam na cabeça dela (E03- feminino, 24 anos).

Porém, a estratégia apresentada pela maioria dos participantes, foi a de não tocar no assunto, que surgiu tanto como estratégia utilizada pela pessoa homoafetiva, como também pelos familiares. A respeito disso Kurashige e Reis (2010), apontam como uma fase apresentada após a revelação da homoafetividade de um membro familiar, denominada de negação e caracterizada como um escudo de proteção diante de algo desconhecido.

4.4 CONSTRUÇÕES IDEOLÓGICAS QUE INFLUENCIAM NA ACEITAÇÃO DE UM MEMBRO HOMOAFETIVO NO ÂMBITO FAMILIAR

Uma questão levantada para os participantes, foi de qual percepção eles têm sobre o motivo da reação negativa de alguns familiares acerca da homoafetividade e surgiram os seguintes relatos:

Vai mais do ideal que ela tinha pra mim, entendeu? O ideal de filha que ela queria ter e que muitas mães projetam [...] então o choque foi esse, esse ideal de filha de casar, de ter netos que ela tinha e que eu não vou poder oferece, entendeu? (E03- feminino, 24 anos).

Preconceito da sociedade [...] todo pai quando tem algum filho, sempre já tem a vida do filho toda planejada em cima do que ele acredita que seja o melhor (E05- feminino, 22 anos).

Corroborando com o relato dos participantes da pesquisa, Santos, Brochado Junior e Moscheta (2007), ressaltam que existe uma dificuldade na aceitação da homoafetividade, devido aos planos que os pais/responsáveis elaboram para o filho(a), principalmente planos acerca da família que iriam construir, dos netos que lhes dariam, a partir de um ideal de filho(a) que se distancia da noção de família que criam em relação as pessoas homoafetivas. Ressaltando também que existe um estigma social acerca da pessoa homoafetiva, atribuindo-

esses estereótipos que favorecem as dificuldades e os conflitos diante da revelação dessa orientação sexual. Em relação a esses estereótipos surgiu:

Tipo eu penso que é uma coisa muito vista ainda como que o gay vai ser uma pessoa super depravada, jogada nas drogas, ou sei lá, uma vida que não é vamos se dizer ideal, e ainda existe muito tabu. (E04- masculino, 21 anos).

Segundo Alves e Moniz (2015), as reações dos familiares podem estar alicerçadas pelas aprendizagens sociais construídas ao longo da vida, sendo inseridas no imaginário dos sujeitos conceitos estereotipados acerca da homoafetividade e o resultado dessas construções são a minimização da pessoa homoafetiva, assim diante de crenças distorcidas sobre a homoafetividade forma-se a homofobia, em consequência a dificuldade dos familiares em compreender a orientação sexual da pessoa homoafetiva. Assemelhando-se a essas ideias têm-se os seguintes relatos:

É essa construção que vem entorno da minha mãe, que ela queria pra mim (E03- feminino, 24 anos).

Eu acho que a forma que aqueles pais foram criados, eu acho que tem muito a ver com cultura também (E06- feminino, 22 anos).

É algo sócio histórico tipo são valores, normas concretizadas e quando a gente adentra nesse meio externo, isso vai fazendo com que a gente internalize muita coisa [...] se alguém foge dessa norma e está sendo diferente, possivelmente não será aceito e é praticamente assim (E01- masculino, 22 anos).

Dentre as construções ideológicas a crença religiosa foi algo citado por todos os participantes, anteriormente no tópico “estratégias utilizadas para manter os vínculos afetivos no núcleo familiar” a religião surgiu como um suporte para o familiar em meio a uma situação nova na qual não está conseguindo lidar. Porém, ela também surgiu como algo que influencia negativamente para a aceitação da pessoa homoafetiva dentro do núcleo familiar, como é possível verificar nos relatos abaixo:

Ela (mãe) colocou bastante esse lado, que não era de Deus (E06- feminino, 22 anos).

A religião interfere muito nisso [...] ela (mãe) falou que deus não queria isso (E04- masculino, 21 anos).

Porque vem de toda uma estrutura familiar, toda uma religião (E03-feminino, 24 anos).

Eu nunca li a bíblia, mas pelo que os religiosos falam, segundo o que tem na bíblia é uma coisa que não pode acontecer e eu acho que o pessoal que é muito católico ou tem alguma religião que diga isso segue muito essas falas (E05-feminino, 22 anos).

Sobre esse assunto Cardoso (2010), diz que essa é uma questão delicada e muito importante de ser compreendida, pois geralmente os familiares alicerçados por uma base cristã, possuem como conhecimento sobre a homoafetividade, aquilo que é apresentado a partir das interpretações dos escritos bíblicos, que condenam a relação homoafetiva. Assim, possuindo uma estrutura de fé construída a partir de tais princípios fundamentalistas, os pais/responsáveis ao se depararem com a revelação de um membro homoafetivo não sabem como reagir, perdendo muitas vezes o equilíbrio vital, dentro deles surge uma guerra entre aquilo em que eles sempre acreditaram como sendo uma verdade e o amor incondicional pelo(a) filho(a).

Importante ressaltar que a maioria dos entrevistados relatou compreender as dificuldades da aceitação da homoafetividade pelos familiares, podendo ser observada essa compreensão com clareza nos seguintes relatos:

Eu compreendo muito bem, é um peso muito complicado você desconstruir tudo isso e aceitar uma coisa que possivelmente você já sabe que é, ou algumas vezes não sabe (E02- masculino, 20 anos).

O filho dizer que não é algo que os pais sempre acharam que seria, deve ser complicado (E05- feminino, 22 anos).

Diante do que foi exposto pelos autores mencionados e os relatos dos participantes, pode-se verificar que existem algumas construções ideológicas que interferem na relação familiar quando existe a revelação de uma pessoa homoafetiva. Ademais, os participantes que dizem compreender a reação dos familiares, justificam tais reações com o contexto em que eles vivem e o pouco conhecimento que têm em relação a homoafetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do apresentado nota-se que as dificuldades dos familiares em aceitar um membro homoafetivo estão ligadas diretamente as normas impostas socialmente e

culturalmente, normas essas que colocam a pessoa homoafetiva em uma posição marginalizada, como sujeito desviante e como tal não possuindo o direito de viver sua sexualidade e afetividade.

Porém com os movimentos a favor da diversidade sexual, e a readequação do termo homossexualidade para homoafetividade, colocando esses sujeitos dentro de um padrão de relação alicerçada no afeto e não somente no ato sexual, a realidade vem mudando e a pessoa homoafetiva ganhando mais visibilidade e espaço.

Importante ressaltar que a maioria dos entrevistados dizem compreender as dificuldades dos familiares, justamente por conta das construções ideológicas que constroem durante toda a vida. Com isso, pode-se verificar que pais/responsáveis podem se frustrarem ou se decepcionarem, por ser algo novo na realidade deles e totalmente contrário a suas crenças, sendo uma reação compreensível diante dos dados apresentados.

E apesar das dificuldades enfrentadas no início da revelação da pessoa homoafetiva, alguns pais/responsáveis, assegurados no amor incondicional que sentem pelos(as) filhos(as), vão adentrado na realidade dos filhos, na tentativa de entender essa realidade e manterem os vínculos afetivos entre eles. Sendo esse um processo longo e com muitos obstáculos, principalmente para os que possuem uma resistência maior em ver a homoafetividade por outros ângulos, que não aqueles já conhecidos anteriormente.

Contudo, ainda existem muitas barreiras a serem rompidas acerca da homoafetividade, conquistas que visam a desconstrução da visão negativa que há muito tempo se têm sobre a relação sexual/afetiva entre pessoas do mesmo sexo. Pois com tais obstáculos superados, poderá haver uma minimização das dificuldades na aceitação da pessoa homoafetiva no âmbito familiar.

Havendo a pretensão de dar continuidade aos estudos acerca dessa temática, que abarque um público maior, para maiores informações, como também visando uma pesquisa direcionada aos pais/responsáveis que poderão falar com mais propriedade sobre suas vivências, o que acarretaria em um rico material para construir um trabalho ainda mais elaborado sobre esse tema tão complexo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ALVES, Elizabeth Arruda; MONIZ, André Luís Ferreira. A família no processo de coming out: sair do armário. **Jornal Brasileiro de Ciência da Saúde**, Brasília, v.1, p.1-14, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.udf.edu.br/index.php/JBCS/article/view/37>.

BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A Família e o Papel Desafiador dos Pais de Adolescentes na Contemporaneidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre v.19, n.2, p.34-42, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004.

BILESKI, Ricardo. Homossexualidade em Pauta: Um breve panorama historiográfico. **Revista Mundo Livre**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 1, p. 18-31, 2018. Disponível em: <http://www.revistamundolivres.uff.br/index.php/mundolivres/article/view/166>.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.:** João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000/10871>.

CARDOSO, Fernando. Pais de filhos homossexuais e o conflito com o cristianismo. *In*: CARDOSO, Fernando (org). **A homoafetividade e o cristianismo**: Série mensagens de inclusão. São Paulo: Edição do autor, 2010. p. 58-61.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis, 2015. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43220121/A_Morte_da_Clinica._Movimento_Homossexual_e_Luta_pela_Despatologizacao_da_Homossexualidade_no_Brasil_19781990.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1537926730&Signature=1K2v5mgWGx7CeHDY0ktQ4UBa9Dc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_MORTE_DA_CLINICA_MOVIMENTO_HOMOSSEXUAL.pdf.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **BIBLOS**, [S.l.], v. 19, p. 19-24, jan. 2008. ISSN 2236-7594. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249/63>.

COITINHO FILHO, Ricardo Andrade. O lugar do afeto na produção do “homoafetivo”: sobre aproximações ao familismo e à aceitabilidade moral. **Revista Ártemis**, Rio de Janeiro, v.19, p. 168-178, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/26212/14106>.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando Famílias**, v.1, n.17, p. 28-40, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2013000100004&script=sci_abstract&tlng=en.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete Ricas; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.17-27, 2008. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2008.v24n1/17-27/pt>.

GREEN, James N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cad. AEL**, v.10, n.18/19, 2003. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2508/1918>.

HAUER, Mariane; GUIMARÃES, Rafael Siqueira. Mães, Filh@s e Homossexualidade: Narrativas de Aceitação. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, n.3. v.23, p.649-662, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751492010>.

KURASHIGE, Keith Diego; REIS Aparecido Francisco. O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. **Interfaces da Educ**, Paranaíba v.1, n.3, p.93-102, 2010. Disponível em: <http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/625/589>.

LOMANDO, Eduardo; WAGNER, Adriana. Reflexões sobre Termos e Conceitos das Relações entre Pessoas do Mesmo Sexo. **Revista Sociais e Humanas**, v. 22, n. 2, p. 113-123, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1184>.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A mídia e as imagens de pais de homossexuais: o exemplo da série Glee. **Bagoas**, n.10, p.43-54, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/viewFile/5374/4389>.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Temas psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso>.

PACHECO, Joyce Chaves. **Homoafetividade: relação entre pais e filhos**. 2016. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11430/1/PDF%20%20Joyce%20Pacheco%20Chaves.pdf>.

PALMA, Yáskara Arrial; LEVANDOWSK, Daniela Centenaro. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 771-779, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a15>.

PINHO, Raquel; PULCINO, Rachel. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 665-681, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/298/29847323006.pdf>.

RODRIGUES, Mariana Alvarenga; CARMO, Marta. A Configuração do Significado de Família para Homossexuais: um Estudo Fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia, n.1, v.19, p.12-20, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735557003>.

SÁNCHEZ, Félix López. **Homossexualidade e família**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SANTOS, Manoel Antônio dos; BROCHADO JUNIOR, José Urbano; MOSCHETA, Murilo dos Santos. Grupo de pais de jovens homossexuais. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200002&lng=pt&nrm=iso>.

SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Entre cristianismo, laicidade e estado: As construções do conceito de homossexualidade no Brasil. **Mandrágora**, v.21. n. 2, p. 67-88, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/6021/5063>.

SILVA, Antonio Willemberg Freitas; SOUSA, Leilane Barbosa. **Autoaceitação, aceitação sócio-familiar e saúde sexual de jovens homossexuais (do sexo biológico masculino) no Maciço de Baturité**, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/569>.

SOLIVA, Barcelos Thiago; SILVA JUNIOR, João Batista. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n.17 p.124-148, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293331474005>.

TOLEDO, Gonsalves Livia; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.65, p.376-391, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229029496005>.

WIRTH, Noeme de Matos. As novas configurações da família contemporânea e o discurso religioso. **Fazendo gênero 10 desafios atuais dos feminismos**, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373120027_ARQUIVO_ArtigoFlorianopolis.pdf.